



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA

JÉSSICA QUEIROZ FONTES

A ESTÉTICA DO ENCONTRO NO PLANTÃO PSICOLÓGICO

FORTALEZA

2025

JÉSSICA QUEIROZ FONTES

A ESTÉTICA DO ENCONTRO NO PLANTÃO PSICOLÓGICO

Monografia apresentada em formato de artigo ao Curso de Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para obtenção de título de bacharel em Psicologia.

Orientadora: Prof.^a Dra. Jurema Barros Dantas

FORTALEZA

2025

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Sistema de Bibliotecas
Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

F766e Fontes, Jéssica Queiroz.

A estética do encontro no plantão psicológico / Jéssica Queiroz Fontes. – 2025.
29 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades,
Curso de Psicologia, Fortaleza, 2025.

Orientação: Profa. Dra. Jurema Barros Dantas .

1. Experiencia Estética . 2. Plantão Psicológico . 3. Fenomenologia . I. Título.

CDD 150

JÉSSICA QUEIROZ FONTES

A ESTÉTICA DO ENCONTRO NO PLANTÃO PSICOLÓGICO

Monografia apresentada em formato de artigo ao Curso de Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para obtenção de título de bacharel em Psicologia.

Orientadora: Prof.^a Dra. Jurema Barros Dantas

Aprovada em: 09/07/2025.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dra. Jurema Barros Dantas (Orientadora)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dr. Emanuel Meireles
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof.^a Dra. Layza Castelo Branco Mendes
Universidade Estadual do Ceará (UECE)

Ao universo, em seu mistério.

À minha amada família.

RESUMO

O presente trabalho propõe uma análise do encontro terapêutico, na modalidade de Plantão Psicológico, como experiência estética. A partir de um ensaio teórico em diálogo com os filósofos Dufrenne (1982) Heidegger (2015) e Merleau-Ponty (2018,2021), aliado a um relato de experiência de atendimento (2023.2-2024.2) no Plantão Psicológico da Clínica Escola da UFC, busca-se refletir o encontro terapêutico como acontecimento sensível, criativo e transformador. Justifica-se na escassez de diálogos que interseccionam Estética com o Plantão Psicológico. Através da presença, imaginação e afetabilidade, o encontro se configura como performance poética, rompendo com a cotidianidade e possibilitando a ressignificação da crise, não compartimentalizando o sujeito ao sintoma, assim deslocando-se do paradigma reducionista doença-cura.

Palavras-chave: Estética. Fenomenologia. Plantão Psicológico.

ABSTRACT

This paper proposes an analysis of the therapeutic encounter, within the modality of Psychological Duty, as an aesthetic experience. Through a theoretical essay in dialogue with the philosophers Dufrenne (1982), Heidegger (2015), and Merleau-Ponty (2018), combined with an experience report from therapeutic sessions conducted at the UFC University Clinic's Psychological Duty Service (2023–2024), we reflect on the therapeutic encounter as a sensitive, creative, and transformative event. This study is justified by the scarcity of dialogues intersecting aesthetics with Psychological Duty, while proposing contributions to understanding contemporary mental health care. Through presence, imagination, and affectability, the encounter is reconfigured as a poetic performance that disrupts everydayness and enables the re-signification of crisis.

Keywords: Aesthetic; Phenomenology; Psychological duty.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	9
2 PERCURSO METODOLÓGICO.....	12
3 DESENVOLVIMENTO.....	16
3.1 PLANTÃO COMO ABERTURA NA RUPTURA DA COTIDIANIDADE.....	16
3.2 PERFORMANCE DA PRESENÇA: PLANTÃO COMO RESSIGNIFICAÇÃO E CUIDADO.....	21
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	26
REFERÊNCIAS.....	27

1 INTRODUÇÃO

Este ensaio propõe a leitura do encontro terapêutico, na modalidade Plantão Psicológico — em suas idiossincrasias — como uma experiência estética, em sua potencialidade como disruptor da cotidianidade e ressignificador da crise. A partir do diálogo entre Heidegger, Merleau-Ponty e Dufrenne, aliado a experiência de um ano como plantonista no Plantão Psicológico da Clínica Escola da Universidade Federal do Ceará (UFC), busca-se analisar, no encontro do Plantão Psicológico, como terapeuta e sujeito em crise co-criam uma obra dialógica que se faz na presença, ecoando a obra-viva de *ser-no mundo*.

Para tal, na compreensão da experiência estética em seu papel transformador, inicialmente caracteriza-se *estética* a partir de sua origem etimológica, do termo grego αἴσθησις (aísthēsis), que denota “percepção” e “discernimento”. Cunhada no séc XVIII pelo filósofo Alexander Baumgarten como ciência do conhecimento sensível, comumente compreendida como “ciência do belo” (*Ästhetik*), elevou-se como dado de conhecimento, mas historicamente, concentrou seu estudo e compreensão em categorias como o *belo*: remetendo a harmonia e proporção, e ao *sublime*: o sentimento de assombro a natureza incontrolável, que transcenderia a humana. Entretanto, o filósofo francês Dufrenne (1982) propõe um deslocamento radical do entendimento da experiência estética, agora para além de uma reação passiva de agrado ou assombro a obra/fenômeno, caracteriza-se como uma relação dialética entre sujeito e obra, que em uma experiência do sentir, anterior a qualquer racionalização, emerge seu sentido. Tirando o foco do objeto e deslocando-o para o ato experiencial criativo, que dá sentido a experiência, e conseqüentemente a obra.

Neste cenário dialético criativo, entende-se que o que somos e compartilhamos como ser humano, somos por estar em relação interdependente com um mundo que se transforma constantemente diante e através de nosso olhar, de nosso corpo..., do qual significamos e moldamos por meio de um *tecido relacional*, caracterizado *carne* por Merleau-Ponty (2021), que dissolve a dicotomia sujeito-objeto, e como um palco é espaço de conexão nessa performance ontológica. Esse movimento criativo é marcado pelo ritmo da finitude, pois, ao existirmos em uma realidade em que a única certeza que temos enquanto em vida é de seu fim — assim, encarnando uma angústia de *ser-para-a-morte* — somos também convidados a viver essa experiência, que se apresenta como aventura (Heidegger, 2015). Porém, *ser-no-mundo* implica existir como corpos encarnados em um território, filhos de

determinados pais, em um mundo cultural, hoje, capitalista, que nos precede e nos faz sujeitos a ser inundados pela *cotidianidade*, caracterizada como uma vivência prática, sem reflexão, que toma posse de ideias, crenças, expectativas e se assimila no conforto da indiferença. Nos proporcionando uma experiência *lisa* (Han, 2017), ou seja, artificial, sem dimensionalidade, que em sua dissonância visibiliza uma segunda angústia que limita e empobrece nosso movimento e possibilidade de criar, culminando na emergência da crise.

Merleau Ponty (2018) também discute a iminência da crise, mas agora através de uma dissonância entre o corpo e o mundo. Ao caracterizar o corpo não apenas como um objeto ou instrumento que direciona estímulos externos à razão, mas como inteligência, o centraliza como paradigma da percepção. Logo, encarnados como um corpo que *somos* (ao contrário de apenas “possuirmos”) existimos como um corpo que é visto, um corpo que age e um corpo que sente, sentindo e fazendo sentido por meio da *carne*, que dissolve a dicotomia ser-mundo e antecede qualquer racionalização. Sob essa visão, quando criança aprendemos a brincar, tocar instrumentos e esses *esquemas motores* não são apenas memórias de repetição, mas inteligência que fomenta aberturas que intencionam, ou seja, “direcionam-para” formas de ser, possibilidades. Aprendemos e visualizamos novas possibilidades em nossa vivência com o outro, através de uma *reflexividade* caracterizada por uma mutualidade do sentir na relação, da possibilidade de perceber-se ao perceber, ao tocar um corpo e não sentir apenas o toque do outro, mas seu próprio toque. Analogia que se estende também a percepções afetivas, pois tudo faz parte da *corporeidade*, de ser corpo no mundo.

Porém, quando existe uma dissonância em quaisquer aspectos dessa relação e nos encontramos encarnados no mundo em uma desconexão entre o que temos como abertura (possibilidades) e a realidade que nos defrontamos, vaza a angústia, dando visibilidade a crise, que não é “boa” ou “ruim”, mas sinal de uma desconexão à um fazer sentido criativo e autêntico. Com isso em vista, o filósofo Dufrenne (1982) pondera sob o poder da experiência estética na propiciação de novas formas de ver sentidos para além do constituído. Pois, a experiência estética na obra artística não está para representar uma realidade existente ou evocar uma verdade inconsciente, mas de ser e exigir que a manifestação sensível de sua existência, seu mundo, não seja objetificada, mas vista pelo que é em uma *presença*, ou seja, disponibilidade para *ser-com* o outro e o que emerge da experiência. Em outras palavras, ser *profundidade* e exigir *profundidade* de quem com ela interage. Logo, analogamente, a experiência estética, assim como propõe-se o encontro, seriam como a refração de um

espelho, uma nova dimensionalidade, um mundo em si mesmo, do qual tanto o autor quanto o espectador precisam estar abertos/disponíveis para participar dele.

Considerando a singularidade do Plantão Psicológico enquanto dispositivo clínico centrado na escuta imediata da urgência subjetiva, propõe-se aqui pensá-lo como campo de expressão e criação no acolhimento do sujeito em crise, sem antes reduzi-lo a compartimentalização ao sintoma. No Plantão Psicológico, esse espaço para criação surge através de uma disponibilidade para o imprevisível, que já se apresenta desde sua concepção. Ao ser inspirada na proposta de Carl Rogers, na perspectiva da ACP (Abordagem Centrada na Pessoa), pontuava uma atuação do terapeuta como *facilitador*, preconizando a disponibilidade do terapeuta no momento presente para a vivência da crise (Gomes, 2020). Dessa forma, prestava-se atendimento à comunidade em uma configuração de demanda espontânea, em que a pessoa que julgava necessitar tinha acesso a alunos que, como plantonistas, revezavam horário. Tal modelo transformou-se e expandiu chegando ao Brasil nos anos 70, fundado e sistematizado por Rachel Rosenberg e Miguel Mahfoud, respectivamente, no Serviço de Acolhimento Psicológico (SAP) da Universidade de São Paulo. Expandindo para diferentes contextos fora do âmbito universitário, como escolas, hospitais..., demonstrou não só estar “aberto” a imprevisibilidade do encontro, mas também se adaptar não apenas como opção eficaz de atendimento de urgência, mas congruente e potencializador do novo paradigma de saúde do SUS, na possibilidade de existir a partir de uma descentralização, contextualizado com a realidade da comunidade e universalizado em seu alcance (Scorsolini, 2015).

O modelo de Plantão Psicológico da UFC, estrutura-se na fluidez da demanda espontânea, com tempo de atendimento não rígido e contextualizado ao encontro (Dantas et al., 2016). Apresenta-se como uma modalidade que descentraliza a lógica capitalista de uma temporalidade guiada pela produtividade e reintroduz o *tempo-vivido*, ou seja, existencial, no qual não é uma entidade que existe para fora do ser, e apenas nos adequamos a ela, mas vivenciamos, somos e projetamos nosso futuro através dos afetos e escolhas, construindo e confluindo esse tempo de forma autêntica em nossa existência (Heidegger, 2015). Essa vivência da temporalidade não cronológica, permite que terapeuta e sujeito em crise possam experimentar o que Dufrenne (1982) chama de *abertura*: uma atitude receptiva não orientada a um objetivo determinado (em função da cura, por exemplo), que possibilita a emergência de afetos e conteúdos ricos em potencialidade estética.

Dessa forma, a partir da experiência de atendimento, desvelaram-se associações estéticas quanto ao encontro. Fenômenos anteriormente desconexos (sons da rua, luzes ou sombras, assim como a disposição da sala) passam a ser percebidos como totalidade, magnificado pela disposição consciente de um permitir afetar-se, são vivenciados como uma *performance*, para além da expressão de alguma interioridade da crise, mas como criação conjunta no presente. Para a plantonista, isso revela uma nova forma de presença, um novo olhar, sentir e ouvir com assombro o que emerge dos afetos, ou seja, que é disruptiva de uma cotidianidade alienatória e que através da imaginação, da presença e da afetividade estetiza-se dissolvendo dicotomias (sujeito e objeto, subjetivo e objetivo ou corpo e mente) em uma reconexão a unidade de *ser-no-mundo*.

Assim, diante das questões: *Como o encontro no Plantão Psicológico pode configurar-se como uma experiência estética? E qual o papel desta para o enfrentamento e ressignificação da crise psicológica?* O ensaio tem como objetivo repensar o encontro do Plantão como uma experiência estética potencializadora de transformação, que se faz na espontaneidade por uma abertura psicoterapêutica, que é consciente, mas sensível ao imprevisível. Para tal, o trabalho alicerça-se em seus objetivos específicos de: contextualizar o Plantão Psicológico, integrando-se a relatos de experiência como plantonista no acolhimento do sujeito em crise; caracterizar a experiência estética e a esteticidade do encontro terapêutico, em seu caráter disruptivo da cotidianidade; discutir a potencialidade do encontro como uma experiência estética na ressignificação da crise. Desse modo, este ensaio justifica-se na escassez de discussões e diálogos teóricos que interseccionam Estética e Plantão Psicológico, sob um prisma fenomenológico, e propõe também novos sentidos e explorações para trabalhos posteriores, quanto a potencialidade da Estética no Plantão.

2 PERCURSO METODOLÓGICO

Este ensaio teórico, caracterizado por seu gênero reflexivo e interpretativo, de natureza exploratória e especulativa (Meneghetti, 2011), busca analisar o encontro no Plantão Psicológico como experiência estética. Para isso, adotou-se uma fundamentação autoetnográfica, caracterizada por uma reconstrução e análise da experiência pessoal e sensível da plantonista, no qual refletiu-se sobre temas mais amplos como o encontro no Plantão como experiência estética e a ressignificação criativa da crise.

Caracterizando a autoetnografia como “(...) um gênero de escrita autobiográfica, mas também uma metodologia e uma proposta teórico-conceitual de pesquisa acadêmica” (Ellis e Bochner, apud Gama; Raimondi; Barros, 2021), sustentada pelo relato de experiência da autora, estruturou-se tal ensaio em conjunto a uma orientação interpretativa hermenêutica-fenomenológica, que reconhece a relação dialética permanente entre sujeito-objeto, autor-texto. Em um eixo metodológico circular, a hermenêutica-fenomenológica confronta e dialoga continuamente experiência e teoria, e assim, busca-se co-criar novos sentidos através de um relato experiencial da plantonista durante um ano (2023.2-2024.2) no Plantão Psicológico da Universidade Federal do Ceará em um diálogo entre fenomenologia, estética e crise psicológica.

Dessa forma, a elaboração desse ensaio destaca-se em seu caráter autoetnográfico. Baseando-se em percepções e reflexões críticas da autora sobre sua experiência como plantonista, manteve-se uma anonimização rigorosa, sem registro de casos identificáveis. Considerando a dialogicidade do pesquisador como sujeito-objeto, que também é matéria-prima para desvelar estruturas universais, a partir do viés hermenêutico-fenomenológico, compreende-se a subjetividade como parte integrativa epistemológica (Campos; Coelho, 2010).

Logo, o percurso metodológico baseado na hermenêutica-fenomenológica em Sousa et. al, (2021) e na análise qualitativa de Minayo (2012) acompanhou as seguintes etapas: inicialmente foi feita a reconstrução de momentos significativos no Plantão Psicológico para a plantonista por meio da escrita de *versões de sentido* (Boris, 2008), ou seja, sínteses de experiências em diários pessoais, contendo percepções e observações da autora sobre a vivência nos encontros do Plantão Psicológico. A partir da leitura e releitura desses escritos, emergiram as primeiras unidades de significado, por meio do recurso de repetição impregnadora, que favorece a emergência de temáticas recorrentes, aglutinadas como *núcleos de sentido* mais amplos. A constituição desses *núcleos de sentido* considerou dois critérios principais: a *intencionalidade fenomenológica*, ou seja, “como” o fenômeno se manifesta e é experienciado; e a *questão ontológica central* dos escritos, como por exemplo, expressões compartilhadas no encontro, se vinculavam por suas temáticas existenciais mais amplas, como a “falta de sentido” expressa com a realidade, vinculada ao processo disruptivo da “crise”.

Assim, formados esses *núcleos de sentido*, de modo iterativo, foi feita uma triangulação teórica confrontando esses núcleos com diferentes autores fenomenológicos,

como também da Estética. Tais diálogos, em sua circularidade, influenciaram tanto o aprofundamento teórico inicial, que fundamentaram o texto, quanto proporcionaram uma *compreensão* das temáticas emergentes (Sousa; Paulo, 2021). Por fim, buscou-se desenvolver uma *interpretação criativa* dos conteúdos em diálogo, ou seja, através de uma escrita que integra teoria e prática, a consideração de uma nova leitura sobre um fenômeno, no caso, situando o encontro como experiência estética. Como destaca, resumidamente, o quadro demonstrativo:

Quadro 1 - Etapas metodológicas do artigo.

1. Escrita de <i>versões de sentido</i> , percepções e observações durante o período de experiência do Plantão. (2023; 2024)
2. Contato com o material exposto, reconhecendo a indissolubilidade autor-texto. Por meio de releituras sucessivas, através do recurso da impregnação, as primeiras <i>unidades de significado</i> emergem à consciência. (Dezembro, 2024; Março, 2025)
3. Etapa de análise e agrupamento dessas unidades de significado, como <i>núcleos de sentido</i> mais amplos, a partir de sua <i>intencionalidade fenomenológica</i> e sua <i>questão ontológica central</i> . (Março, 2025)
4. Etapa <i>iterativa</i> de diálogo entre <i>núcleos de sentido</i> e a teoria Fenomenológica-Existencial e Estética. (Abril, 2025; Maio, 2025)
5. <i>Interpretação Criativa</i> do fenômeno discutido a partir da bibliografia e do relato de experiência, na construção de novos sentidos. (Maio, 2025; Junho, 2025)

Fonte: Elaborado pela autora baseado em Souza et al. (2021) e Gomes (2020).

A Partir disso, foi desenvolvido o tema e suas perguntas norteadoras, assim como seu objetivo geral e específicos que nortearam o processo de construção do trabalho. Logo, a escolha das obras trabalhadas, além de serem trabalhos pilares no desenvolvimento da fenomenologia, se deu por sua relevância conceitual a temática trabalhada: Merleau-Ponty, “Fenomenologia da Percepção” (2018) por sua caracterização do corpo como paradigma da percepção, “O visível e o Invisível” (2021) em sua introdução da *carne*, como tecido relacional; Heidegger “Ser e Tempo” (2015) por sua discussão de *ser-no-mundo* e *cotidianidade*, assim como Dufrenne “Fenomenologia de la experiência estética” (1982) — em tradução espanhola devida a ausência de edições recentes em português — por sua configuração de experiência estética como catalisadora de transformação. Em interseção conceitual entre *cotidianidade* e capitalismo, foram escolhidos autores que trabalhassem o

aspecto alienatório do capitalismo por via fenomenológica como Han (2017) e seus interlocutores (Corbanezi, 2018) e (Guattari; Rolnik, 2005). Dessa forma, a escolha dos textos priorizou profundidade sobre amplitude (apud Sousa; Paulo, 2021).

Como indica Menezes (2021, pg. 10), a experiência vivenciada em um caráter pré-reflexivo “desperta o poder de conhecer” e ao caracterizarmos o Relato de Experiência como uma produção de conhecimento a partir da vivência, acadêmica ou profissional (Mussi et al., 2021), este ensaio apresenta-se como oportunidade de elaborar e discutir, assim como posicionar um aspecto ímpar da vivência do Plantão Psicológico, o encontro com o sujeito em crise através da experiência da plantonista. Nesse contexto, o período de experiência no Plantão se estendeu por um ano (2023.2 – 2024.2) na Clínica Escola da Universidade Federal do Ceará, vinculado ao Laboratório de Estudos em Psicoterapia, Fenomenologia e Sociedade (LAPFES), com atendimento disponível a comunidade local de Fortaleza e Região Metropolitana. Assim, como plantonista, atendia-se, em média, 2 pessoas durante turno da manhã das 8:00h às 12:00h, com atendimento a uma faixa-etária vasta e heterogênea, de crianças de 5 anos de idade, com autorização do responsável legal, até idosos, havendo supervisão de cada caso no mesmo turno. O trabalho incluía atendimentos individualizados ou em grupo; trabalho logístico de senhas; recolhimento de nomes; assim como trabalho na sala de espera, no compartilhamento de informações de termos do contrato, como também dinâmicas de acolhimento e esclarecimento em relação a diferentes aspectos da saúde mental.

Neste trabalho, será dado enfoque ao encontro da plantonista com o sujeito que busca o serviço, não aprofundando-se em casos particulares ou compartilhamento de dados de pacientes, assim seguindo as diretrizes para relatos de experiência, no qual nenhum dado clínico identificável foi utilizado, somente a percepção da plantonista imersa nessas experiências (Mussi et al., 2021). Dessa forma, baseada exclusivamente na experiência pessoal da pesquisadora, sem a participação de terceiros como sujeitos da pesquisa, não houve coleta de dados com outras pessoas ou o uso de informações sensíveis, o que caracteriza a pesquisa como isenta de apreciação ética conforme a Resolução CNS nº 510/2016, Art. 1º, Inciso I.

3 DESENVOLVIMENTO

3.1 PLANTÃO COMO ABERTURA NA RUPTURA DA COTIDIANIDADE

Na leitura do encontro no Plantão Psicológico como uma experiência estética, vale pontuar inicialmente o que singulariza a experiência estética, aproximando-a ao encontro. Dufrenne (1982) ao conceituar uma *experiência estética*, desloca o aspecto estético do “belo” para o “transformador”, partindo de três planos: o da presença; o da representação, através da imaginação; e o do sentimento (apud Milhorim; Telles, 2018). Uma experiência estética existe para além de uma obra de arte, quando nem toda experiência estética provém de uma obra de arte, assim como nem toda obra que se encontra em um museu proporciona uma experiência estética. O que a singulariza é sua potencialidade de deslocar o posicionamento, ou seja, o entendimento, daquele que dela participa em uma abertura de novas possibilidades para compreender um fenômeno ou a obra como se apresenta (Dufrenne, 1982). Todos nós já experienciamos peças, livros, mas também festas e até paisagens que nos afetaram, à nosso corpo, antes de qualquer racionalização, assim de modo *pré-reflexivo*, mas que mudou como visualizamos e significamos um tema ou nossa experiência. Nessa ruptura e abertura a novas possibilidades, existe a experiência estética, e dessa idiosincrasia se posicionará o encontro no Plantão Psicológico, a partir de seu caráter de ruptura e abertura para novas possibilidades.

Entretanto, compreender o que é o Plantão Psicológico e sua potencialidade é antes compreender a quem ele se apresenta como disponibilidade. Aquele que busca o Plantão, uma modalidade de urgência, emerge de um contexto disruptivo de uma crise que descentraliza e afeta a forma como se interage com o mundo e suas possibilidades. A iminência da crise é desorganizadora, mas trabalha como alerta de uma desconexão e alienação mais profunda na experiência de *ser-no-mundo*. Em vista disso, na compreensão do modo de *ser* daquele que vivencia a crise e busca o Plantão, destaca-se o entendimento da natureza ontológica da angústia, catalisada por nossa condição de finitude, como primeira abertura (possibilidade) a esse modo *ser*.

Para Heidegger (2015) somos todos filhos de um tempo, e apenas por isso *somos*. Ao nascermos, a primeira e última certeza na qual nos defrontamos é a da finitude de nosso ser, e a conhecemos pois antes outros também a defrontaram. A relação do homem com o mundo é marcada por essa certeza, carregada em cada palavra, movimento e reação. Dessa forma, somos lançados ao mundo e o que nos resta é *ser*, e nossa relação de intersubjetividade com o mundo dita essas possibilidades de *ser*. Assim, tanto a dissonância discutida por Ponty (2018)

quanto a inautenticidade de Heidegger (2015) são atravessadas pelo “mundo prático” repetitivo e não refletido da *cotidianidade*. Essa *cotidianidade*, circunscrita hoje pelo capitalismo tardio, coisifica o sujeito e se apropria de toda heterogeneidade na produção de uma subjetividade condizente à acumulação de capital e ao esvaziamento do eu (Han, 2017). O sujeito sai de um posicionamento de sentir e dar sentido e tem sua subjetividade comodificada, colonizada por um ideal de exploração de toda sua *corporeidade*, ou seja, seus sentidos, por exemplo, se tornam fábricas de conteúdos digitais, sua imaginação é ditada pelo parâmetro de algoritmos para engajamento exponencial. Na era da auto-venda, somos um produto *liso* de dimensionalidade, esteticamente atraentes, vendemos uma temporalidade que tem produtividade como paradigma, uma precarização do trabalho vestida de flexibilidade e empreendedorismo. Logo, agora não se produz apenas aquilo da ordem do desejo, mas molda-se tal desejo (Guattari; Rolnik, 2005), e nesse modo de funcionamento a angústia sentida na crise não é a ausência do *ser* no existir, mas sim a inautenticidade e indeterminação de suas possibilidades (Milhorim; Telles, 2018). Nesse caso, ao indivíduo não atender às expectativas esperadas, essa ruptura é por vezes a primeira indicação visualizada por ele de que “algo não está certo”, pois ele se torna inútil para o sistema que o explora.

Portanto, a crise é ruptura radical que através de uma *facticidade*, da falta controle de que somos confrontados nesse mundo (a perda de um ente querido, súbito desemprego ou doença), descentraliza esse ritmo alienador da *cotidianidade* e nos desloca em face a alteridade, complexa, que causa desconforto e sofrimento, mas não é “boa” ou “ruim”, é potencialidade e resistência frente ao esvaziamento subjetivo do eu em suas possibilidades de *ser*. A crise faz nos confrontarmos com o existir caótico, metaforicamente, fomentando através da possibilidade de afetar-se a abertura necessária para um movimento criativo de significação desse novo mundo e de apropriação de nossa angústia.

Diante do discutido, quem busca o Plantão Psicológico traz a marca desta ruptura. Durante minha experiência de plantonista, logo percebi que o trabalho do Plantão não se inicia apenas quando o indivíduo que se encontra em crise senta na sala de frente ao terapeuta, ali é apenas a continuação de um movimento já iniciado de reconhecimento de sua angústia, mas também de visibilidade do Plantão como uma possibilidade de acolhimento que não o anestesiara de volta a *cotidianidade*. Na sala de espera, que foi por vezes meu primeiro olhar como plantonista a pessoa em crise, pode-se naturalmente construir uma atmosfera de antecipação frente ao que esse encontro pode proporcionar, porém, o indivíduo em crise já se posiciona ativamente e criativamente ao entrar em uma fila frente a Clínica, junto a outros

corpos em suas mais distintas jornadas, desconfortáveis e imperfeitas, pois de encontro aos outros se vê como alguém que também é visto, e nessa *reflexividade* pontuada por Ponty (2021) como mutualidade do sentir, no perceber-se enquanto percebe, ao sentar-se na sala de espera, ouvir sobre a modalidade, discutir com os plantonistas da sala sobre diferentes aspectos do cuidado ou simplesmente estar próximo do outro que sofre, o sujeito já está se engajando com seu próprio sofrimento, com o que consegue reconhecer ou apenas sentir. Assim, no limiar entre criador-espectador, o Plantão já apresenta-se em minha experiência como palco de transformação.

Não raramente, minha prática também revelava-se em movimentos criativos singulares. Como plantonista, por vezes me senti ocupar uma posição de espectadora aos afetos que emergiam do encontro, ou metaforicamente, sentia como se ajustasse holofotes sobre o sofrimento imanente do outro. Me reconhecia em uma dança dialógica em que a crise era visualizada, mas nunca reduzida a elemento centralizador de nosso encontro, desmontando o reducionismo tecnicista da *cotidianidade*. Paralelamente, tudo no atendimento parecia alimentar o encontro. Elementos ambientais desconexos entre si como as sombras ou como a luz que tocava o rosto do sujeito; o frio; o calor; a escuridão da sala; os sons da rua..., percepções “desconexas”, diante de um estado magnificado de afetabilidade dada pela situação de crise, se tornavam um todo, uma *gestalt* que em seu impacto, pregnância estética, inspiravam insights e reações que poderiam não ter associação direta com o trabalhado, mas geravam *abertura* transformadora em um encontro que parecia se energizar através de uma esteticidade.

Neste contexto psicoterapêutico, minha experiência como plantonista marcou também minha iniciação na posição de psicoterapeuta. Logo no primeiro dia, apenas com conhecimento teórico, fui lançada a um profundo estranhamento, pois de encontro ao outro me reconheci como alguém diferente, mas também presente na dinâmica (Merleau-Ponty, 2018). A intensidade do primeiro encontro, com uma jovem que relatava um contexto de violência e apresentava retraimento em suas palavras, lia-se em minha percepção como uma obra apagada, que nunca tinha experienciado abertura para contar sua história. E esse silêncio da ausência agora se tornava presença, disponibilidade para *ser-com* no encontro, presença que se fez ouvir para além de qualquer teoria (Heidegger, 2015). Na *reflexividade* do encontro, seu sentir se fez sentir em meu corpo, que refletiu também em meu silêncio e em minhas palavras mais do que eu continha, “senti o sentido” do encontro em meu corpo (apud Kastrup; Passos, 2013).

Frequentemente, diante de mim sentava-se alguém que queria respostas, soluções, algo que amenizasse o sofrimento ou reanimasse o corpo inerte e quando defrontados com a realidade de *ser* corpo e não apenas *tê-lo* como objeto que é dado para ser consertado e assim devolvido, o sujeito em crise frequentemente frustrava-se, expressava raiva, dor. Destaca-se que, presos nesse modo de subjetivação mecanicista, eram habituados a compartimentalizar essa angústia, conte-la e apropriá-la dentro do sistema. Levando em consideração que o modelo psiquiátrico, expandido através de um positivismo reducionista, propõe intervenções medicalizantes, que por vezes contêm os sintomas, mas não endereçam sua causa (Corbanezi, 2018), não sentir é a dada solução.

Dessa forma, o encontro com si mesmo em sua complexidade é desestimulado por uma fantasia de positividade, discursos motivacionais internalizados e exploração da subjetividade, ignorando o desconfortável, o “feio”, o angustioso de *ser-no-mundo* e subjugando o próprio eu, ao limitar suas possibilidades assim como a liberdade e responsabilidade que as contêm (Han, 2017). Porém, o Sistema Capitalista nunca conseguirá se apropriar e esvaziar de toda subjetividade, pois, o fenômeno em sua multidimensionalidade nunca poderá ser inteiramente esclarecido ou instrumentalizado (Merleau-Ponty, 2021). E isso se mostra, por exemplo, quando o sujeito, apesar de toda sua repreensão, expressava-se nessa abertura criada pelo afeto. Ao se expressar, dava visibilidade também a uma nova dimensionalidade de seu fenômeno, afetava-se e sentia-se afetar, antes de qualquer ponderação “racional”, e esse movimento também me afetava, ao meu corpo, meus próprios movimentos... Nesse encontro do sentir juntos, rompemos esse esvaziamento com uma nova dimensão do sentir da qual criava-se novamente sentido, como ressignificação.

Tais experiências também me provocaram insegurança, pois estar aberto é permitir afetar-se (Dufrenne, 1982), e estar presente no encontro encarnado de suas próprias vulnerabilidades e história. Pela heterogeneidade de pessoas e realidades, vivenciava-se casos muito próximos à minha história, ou igualmente distantes. Como plantonista, para não invadir esse espaço construído de acolhimento com pré-julgamentos, precisava-se tomar um posicionamento consciente na tentativa de uma suspensão de pré-concepções ao passo que permanecesse presente para o outro e para si, um movimento caracterizado na fenomenologia como *Epoché*, que é vista por Ponty (2018) não como uma compartimentalização ou suspensão perfeita, mas uma tentativa consciente de encontrar o outro como se apresenta. Esse processo sentido no encontro era então refletido na supervisão, através de outro encontro entre supervisor e plantonistas, que relatavam suas experiências frente a todos que também

tinham vivido seus próprios atendimentos. E assim, semelhante ao sujeito que estava na sala de espera, o plantonista também via-se e aprendia na supervisão através de uma mutualidade, em que corpos reagiam e expressavam entre outros corpos, criando sentido juntos.

Por vezes, o primeiro encontro incitava a construção de um projeto-terapêutico, que se estendia por cerca de 4 atendimentos, dependendo do contexto de cada indivíduo. Tais projetos partiam do plantonista, no entendimento que a ressignificação da crise não é monolítica: o que poderia ser expresso e experienciado em um encontro, também poderia em quatro desvelar diferentes dimensionalidades e ressignificações da demanda que emergia, sem perder sua intensidade. Essa possibilidade se dava não porque o Plantão buscava esvaziar ou dar solução a todas as questões do indivíduo ou porque mais encontros significava maior profundidade, mas porque o que emergia ao ser vivenciado em uma temporalidade guiada pelo sentimento e não cronológica, exibia um fluxo de sua expressão e entendimento intensos e não linear, logo, sua ressignificação ou o início dela também não o seria.

Entretanto, quando essa crise (dissonância) era levada a luz, expressa e ressignificada, não era incentivado estender-se em seu suporte de modo redundante. Por ser um serviço de urgência, reconhecia-se o caráter agudo da crise, assim como a liberdade, responsabilidade e independência necessárias para a ressignificação dela. Esse movimento inicialmente provocava desconforto, como plantonista, dado o posicionamento que buscamos ocupar em nossas primeiras experiências terapêuticas como provedores de cura, assim como quebrava as expectativas das pessoas que procuravam auxílio no Plantão Psicológico. Desse modo, terapeuta e paciente falhavam inicialmente para entender que participar de um processo de ressignificação, não significava vivê-lo pelo outro.

Assim, em síntese, o período de acolhimento foi circunscrito por *corpos* em sua força intencional que marcaram tanto meu trabalho de plantonista como de *ser-no-mundo*, entendendo que não existe uma dicotomia real entre essas experiências. Cada palavra, silêncio, movimento era expresso tanto por uma consciência, mas carregado de uma *abertura* que permitia o espontâneo e o novo acontecer (Dufrenne, 1982). Éramos atores, diretores e escritores de uma peça que ainda sim assistíamos com assombro.

3.2 PERFORMANCE DA PRESENÇA: PLANTÃO COMO RESSIGNIFICAÇÃO E CUIDADO

A Fim de posicionar o encontro no Plantão Psicológico como uma experiência estética no qual a obra, que é o próprio encontro, é construída através da comunhão encarnada entre o plantonista e o sujeito em crise, é necessário compreender não só o que se entende como uma experiência estética, mas também posicioná-la para além da dicotomia sujeito-objeto, no qual o sujeito é criador, espectador e obra encarnada na presença. Em vista disso, durante a história da humanidade, rituais, poesia, música e pintura não foram apenas formas de dar nomes a experiências, sintetizar dúvidas ou compreensão, mas também a expressão da vida enquanto vivida, modo de reivindicação do espaço, à exemplo de comunidades indígenas que mesmo em face a ameaças de morte e roubo de suas terras, continuam praticando rituais em seu espaço, relacionando-se com a natureza, protegendo árvores centenárias..., pois sua resistência se faz na presença, na relação com o todo, com a comunidade que esteve, está e estar por vir.

Dessa forma, encarnados em uma cotidianidade em que o indivíduo está marcado por uma lógica que irrompe sua temporalidade, sua percepção e sua intencionalidade ao o posicionar como um ser definido pela sua função, assim como um ser que é apenas peça de um maior maquinário (a empresa), em que seus desejos não apenas devem confluir com o sucesso deste, mas são eles mesmos produtos a ser explorado, a capacidade de sentir e dar sentido é reterritorializada por e para esse Capital (Corbanezi, 2018), e como resistência o posicionamento disruptivo e criativo é a chave para a reivindicação do eu. Logo, a experiência estética não é apenas a expressão do agradável ou um encapsulado de ideias, mas modo de expressar e reivindicar o próprio existir, que é complexo e imperfeito, na criação de um novo existir.

Para Dufrenne (1982), a percepção é o plano de fundo do sentido, o que vai em contraste com o pensamento Cartesiano difundido na ciência positivista e conseqüentemente na psicopatologia moderna, de que a fonte de significado é a razão e que tudo que é fruto dos sentidos levam a distorção, podendo apenas indicar a possibilidade de um conhecimento verdadeiro, mas nada de sua qualidade. Destaca-se que posicionando a percepção como inteligência, Dufrenne (1982) posiciona também a experiência estética como antes uma experiência perceptiva, no qual o corpo encarnado não é objeto que redireciona estímulos,

dados da sensibilidade a serem refletidos pela razão, mas é criador de sentido (apud Nóbrega, 2008).

Os movimentos acompanham nosso acordo perceptivo com o mundo. Situamo-nos nas coisas dispostas a habitá-las com todo nosso ser. As sensações aparecem associadas a movimentos e cada objeto convida à realização de um gesto, não havendo, pois, representação, mas criação, novas possibilidades de interpretação das diferentes situações existenciais. Nóbrega p.142.

Desse modo, como experiência perceptiva, já seria possível desenhar paralelos entre uma experiência estética e a experiência do encontro no Plantão, não necessitando posicioná-la como uma experiência estética por si. Porém, o que demarca uma experiência estética em sua singularidade é sua *intencionalidade*, o modo em que se dirige para algo. A experiência perceptiva pode seguir o caminho da *cotidianidade* enquanto a experiência estética fomenta uma ruptura, descentralização, vive no assombro, no altero, no “está por emergir” dos afetos e dessa forma desenha paralelo particular ao encontro no Plantão, pois assim como em uma experiência estética o encontro é emoldurado (circunscrito) em um deslocamento da cotidianidade e apenas pelo seu imediatismo e disponibilidade diante deste deslocamento consegue abarcar a crise.

Assim, o objeto estético não se limita a circunstâncias externas, ele é seu próprio mundo, material ou não material, que não requer técnica ou aprendizado anterior para ser percebido e apreciado, mas que se elucida em nós sua *profundidade* por nossa *profundidade* (Dufrenne, 1982). Logo, para que essa obra seja uma experiência estética transformadora, é necessário primeiramente a presença da obra e do espectador, que também é artista e por si só criação, em uma construção mútua.

O objeto estético é profundo porque está além da medida, e porque nos obriga a nos transformarmos para captá-lo: o que mede a profundidade do objeto é a profundidade da existência que nos convida; sua profundidade é correlativa à nossa. Essa correlação é característica do sentimento que culmina a experiência estética. E esse sentimento pode descrever-se explicando essa correlação, mostrando como se faz profundo o homem e como, em troca, o objeto o parece profundo. Dufrenne, 1982 p. 79-80

Semelhantemente, na experiência de *profundidade*, como plantonista vivenciei a dissolução da dicotomia obra-criador-espectador em encontros com sujeitos em experiência psicótica, por exemplo. Esse movimento dialógico destacava-se em seu caráter *pré-reflexivo*, nesse caso, o que muitas vezes poderia se estender por inúmeras sessões, era expresso, compreendido e encarnado a partir de um movimento de permitir afetar-se do plantonista, que gerava uma abertura que surpreendia até mesmo o terapeuta e era sentido na relação,

promovendo a capacidade de acessar e visualizar o indivíduo em sua realidade, que era assim refletido em sua auto-percepção (Merleau-Ponty, 2021). Para isso, como plantonista “suspendia” a centralidade diagnóstica e através do encontro, em suas imprevisibilidades (sejam ambientais: sons, luzes, disposição de objetos, ou afetivas), participava de uma comunhão em que ambos criavam algo novo, o próprio encontro, como uma performance que emergia em sua própria lógica... E para além da psicose, fazia-se um sentido autêntico a quem sentia.

Dessa forma, nossas experiências estéticas também não são racionalizadas, mas antes sentidas. Passamos por experiências transformadoras que nos tocam e moldam da mais tenra idade, antes de falarmos, sentimos seu significado. Entretanto, assim como em uma pintura impressionista, de encontro imediato ao quadro tudo o que vemos são pinceladas paralelas, movimentos randômicos e cores caóticas, mas dada a devida distância, nos defrontamos com um momento vivo no tempo, um dia ensolarado, pessoas brincando..., e para Dufrenne (apud Henriques, 2008) tal distância é possível através da imaginação.

Imaginar é principalmente abrir possíveis, que ademais nem sempre chegam a realizar-se em imagens. Sem dúvida a imaginação se distingue da percepção, mas como se distingue o possível e o dado, e não como o real e o irreal: a imaginação não produz nada, exceto a possibilidade de algo dado, ela reproduz; não fornece o conteúdo enquanto percebido, mas faz com que algo apareça. Henriques, 2008. p. 35.

Logo, na experiência estética apenas a presença às vezes não é suficiente já que seu imediatismo brutal pode impedir que a obra seja visualizada, como destaca Henriques (2008) a distância dá ao indivíduo “o poder de fazer ver”, de transformar e ser transformado. Entretanto, essa distância não viria pela racionalidade positivista, que fragmenta e reduz a realidade, mas seria preenchida pela imaginação. O ato imaginativo opera em um aspecto empírico: aquele que preenche as coisas de significado, assim como por um aspecto transcendental, o que as torna visíveis. E para a experiência estética, Dufrenne (1982) assume o poder potencializador do último.

Assim, como na experiência estética, no encontro é a imaginação que catalisa uma ampliação das possibilidades de ser, não ao recortar/alterar a realidade que se desdobra e criar novas significações, mas ao proporcionar a distância necessária para o reconhecimento do que se apresenta ou permanece invisível, tendo em vista que nenhum fenômeno é completamente visível em sua multidimensionalidade (Merleau-Ponty, 2021). Logo, além da presença ou abertura, é pela linguagem, pelo movimento, pelo corpo e ao *ser* corpo que o sujeito expressa

o altero que existe na margem desse invisível e vislumbra seu reconhecimento. Entretanto, a *expressão* traz visibilidade a algo que existia anteriormente, mas estava escondido, e esse movimento mútuo e imaginativo que é o encontro transcende o *expresso* em direção a *performance*, quando nela não centraliza-se a anterioridade, mesmo que sua emergência seja catalisadora (Fortes, 2020). O que se cria não existia escondido assim como não poderia existir sem o encontro, pois se fez através dele, a partir de diferentes consciências, corpos, da temporalidade e do espaço (luz, sons e sensações) em que essas partes se conectam como um todo pela afetabilidade.

Em diversos atendimentos, a configuração da sala: poucas janelas, janelas abertas, luzes fortes ou quadros nas paredes influenciavam não só os temas trazidos durante o atendimento, mas a própria dinâmica de atendimento e os afetos compartilhados. Por exemplo, em determinada consulta, em uma sala com as janelas fechadas, o sujeito falou sobre claustrofobia emocional de suas relações, mas também dividiu suas impressões sobre seu posicionamento no atendimento, em que sentia em seu corpo que não conseguia “se soltar” ou ouvir.

Dito isso, como na arte performática, o corpo intenciona possibilidades tanto no sujeito em crise como no plantonista. Através da dissonância em sua *carne* — que dissolve a dicotomia corpo-mundo — por vezes, aquele que busca ajuda sofre por não sentir ou por não fazer sentido de sua realidade (Merleau-Ponty, 2021), e é pela *atitude estética* do plantonista que redimensiona a experiência para além da catarse (Pereira, 2012). Como plantonista, meu olhar — através da abertura criada — conecta o ambiente, nossos corpos e o tempo em um “todo” que compõe uma performance encarnada na presença (no *ser-com* o outro), e a profundidade desse momento que me afeta como plantonista também é sentido através da *reflexividade* pelo outro, logo, a experiência se torna estética pela minha percepção sentida dela. Essa atitude estética é demarcada pelo reconhecimento da teoria de sua prática; consciência de seus objetivos gerais; repetição e integração desse conhecimento em seu corpo como criador-instrumento, mas para além disso e através desse conhecimento, é uma posição passiva, *desinteressada*, não como inerte, mas como o oposto de uma ação impositiva no momento do encontro.

Tal atitude sentida no Plantão Psicológico, mais se aproxima da *performance* do que da expressão, como em um movimento semelhante aos atores e dançarinos que carregam sua técnica, sua coreografia, mas em um movimento de *desinteresse*, permitem que a

espontaneidade, ou o que Ponty (2018) chama de invisível, flua entre si e o outro, instilado de afeto. Pois, sem a possibilidade de afetarmos-nos, sem sentimento, esse conhecimento que carregamos no corpo é apenas opaco, não articulado, sem dimensão. O sentimento, ou afetabilidade entre o homem e a obra determina sua intimidade e assim sua possibilidade de profundidade.

Logo, em síntese, o significado que encarnamos em nossa experiência de *ser-no-mundo* é construído através da *afetabilidade*, que como alicerce do encontro, desvela nossa *profundidade*. E essa profundidade que nos pertence, também aparece na experiência.

Com vista a *afetabilidade*, uma pessoa que aparece no Plantão desvanecida, por exemplo, em uma realidade de abuso, retraíndo todo seu corpo e não ocupando o espaço e o tempo com suas próprias histórias ou frustrações, é convidada a emergir de uma obscuridade e sentir-se novamente em suas dimensões e desejos através da *afetabilidade*. Esse convite emerge no encontro com o plantonista, em que é dado espaço para *ser* em suas palavras ou silêncio, em uma vivência temporal e afetiva disruptiva de sua *cotidianidade*. A experiência no encontro contém todo o retraimento e o silêncio, assim como as palavras do plantonista e seus movimentos. Em contraposição a experiência *lisa* (Han, 2017), não é apenas o agradável que se é reconhecido. O que se vivencia agora existe para além da crise e se faz arte, uma performance única e não mais repetida, pois ela é o encontro.

Destaca-se que ao falarmos de *performance*, o senso-comum remete a uma distância como falseamento da experiência. Entretanto, como criação que se faz no momento, a performance nasce e é alimentada por autenticidade, pelo sentir, e logo, por isso é fuga da *cotidianidade*. Esta distância da *performance* é a imaginação trazendo clareza ao que é sentido. Assim, terapêuticamente, sua história abusiva não é apagada ou suas experiências traumáticas curadas, mas o Plantão possibilita que haja uma reconexão do ser como alguém que não teme ocupar espaço, expressar suas frustrações e desejos. Reconhecendo-se como um corpo que também exige profundidade, ela reconecta-se paralelamente e através da *performance* da presença a sua obra-viva, ou seja, a sua aventura de *ser-no-mundo*, que estará em eterna construção para além do Plantão ou qualquer *setting* terapêutico.

Dessa forma, essa performance “efêmera” co-encarnada *no, pelo e para* o encontro terapêutico apresenta-se como instigador para um novo mundo experiencial, agora ressoante na *carne*, que abre possibilidade criativa para o sujeito em crise para além do Plantão. Mas o que permanece dessa performance do encontro? O que fica com o plantonista? Como parte

dessa co-criação, o que fica é o que se compartilha da experiência estética: *Abertura*, como suspensão da cotidianidade e disponibilidade a afetar-se e *Profundidade*, como ressonância não objetificada do sensível.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho buscou analisar o encontro no Plantão como uma experiência estética, a partir de um diálogo iterativo entre prática clínica e fundamentação teórica. Diante das questões centrais: *Como o encontro no Plantão psicológico pode configurar-se como uma experiência estética? E qual o papel desta para o enfrentamento e ressignificação da crise psicológica?* A vivência como plantonista revelou o encontro como *acontecimento encarnado*, que assume a posição de uma “performance efêmera”: fuga da cotidianidade, que em sua visceralidade escapa à racionalidade instrumental. Como abertura radical, o encontro emerge através da presença, imaginação e do sentir (afetabilidade), configurando-se como espaço poético e político de resistência ao apagamento subjetivo diante de um mundo que coisifica o eu (Han, 2017), devolvendo à clínica sua dimensão crítica e sensível.

A construção desse trabalho desvelou muitas reflexões quanto a potencialidade do Plantão em suas idiossincrasias. Através da demanda espontânea, assim como na reintrodução do *tempo-vivido* (experiential) ao sujeito em crise, o Plantão subverte a lógica capitalista da produtividade paradigmática (Corbanezi, 2018). Essa temporalidade existencial, do *tempo-vivido*, permite que a crise seja experienciada não como sofrimento a ser compartimentalizado, mas como abertura a novas possibilidades de *ser*. O plantão, em sua flexibilidade, entende a Clínica para além de uma sala, mas que existe e é potencializada por todo o ambiente que se insere: o *fazer* clínico, em sua esteticidade, não desconsidera o ambiente, mas acolhe as tensões que encontra nele e impulsiona reconhecimento e transformação no modo de subjetivação na *cotidianidade*.

Assim, a vivência do encontro no Plantão — como experiência estética — consolidou um posicionamento ético-poético frente a metodologias protocolares. A compreensão do encontro como uma “performance dialógica” em seu caráter disruptivo e criativo, possibilitou a experiência de sua visceralidade através de um *estar-com* atento a corporeidade (em seus movimentos, ambiente, cor, textura, sons...) e sua profundidade, que rompe a redução do sujeito ao sintoma. Essa atitude receptiva, conscientemente adotada, convida a uma abertura

sentida de modo *reflexivo* pelo outro, que se reconhece em sua humanidade não coisificada, ao compartilhar o encontro em sua dimensionalidade, seus aspectos “feios” e “complexos” e deslocar-se de uma existência *lisa* para uma posição criativa de subjetivação (Han, 2017).

Dessa forma, o Plantão substitui a lógica doença-cura por *cuidado*, compreendendo o posicionamento adocedor da *cotidianidade*, assim como o horizonte de liberdade e responsabilidade de cada contexto existencial. Destaca-se a oportunidade, através dessa análise, de pensar em novas pesquisas do Plantão como reterritorialização dos modos de subjetivação, frente a *cotidianidade*, como uma força de encontro a si mesmo em posicionamento criativo. Mas também, abre caminho para a exploração, através de pesquisas, de seu potencial estético em novos espaços e pluralidades existenciais.

REFERÊNCIAS

AMATUZZI, M. M. Psicologia fenomenológica: uma aproximação teórica humanista.

Estudos de Psicologia, Campinas, v. 26, n. 1, p. 93–100, jan. 2009. Disponível em:

<https://doi.org/10.1590/S0103-166X2009000100010>. Acesso em: 5 mai. 2025.

BORIS, G. D. J. B. Versões de sentido: um instrumento fenomenológico-existencial para a supervisão de psicoterapeutas iniciantes. **Psicologia Clínica**, v. 20, n. 1, p. 165–180, 2008.

Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-56652008000100011> Acesso em: 20 jun. 2025.

CAMPOS, Érico Bruno Viana. Delineamento de pesquisa no campo psicanalítico: Uma proposição sintética. **Psicol. clin.**, Rio de Janeiro, v. 33, n. 3, p. 487-505, dez. 2021.

Disponível em:

https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-56652021000300006

Acesso em: 10 jun. 2025

CORBANEZI, E. Transtornos depressivos e capitalismo contemporâneo. **Caderno CRH**, [S. l.] v. 31, n. 83, p. 335–353, maio 2018. Disponível em:

scielo.br/j/ccrh/a/rkPjhVztHdwQ5Rp4WwcPv7x/?format=pdf. Acesso em: 2 mai. 2025.

DANTAS, J. B. *et al.* Plantão psicológico: ampliando possibilidades de escuta. **Revista de Psicologia**, [Fortaleza], v. 7, n. 1, p. 232–241, 2016. Disponível em:

<https://periodicos.ufc.br/psicologiaufc/article/view/5597>. Acesso em: 9 jun. 2025.

DUFRENNE, M. **Fenomenología de la Experiencia Estética**. Vol. II: La percepción estética. Valência: Fernando Torres, 1982.

FORTES, I. A performance como linguagem: corpo, ato, gênero e sujeito. **Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica**, [S. l.], v. 23, n. 2, p. 44–50, maio 2020. Disponível em:

<https://doi.org/10.1590/1809-44142020002007>. Acesso em: 4 fev. 2025.

GAMA, F.; RAIMONDI, G. A.; BARROS, N. F. DE. Apresentação-Autoetnografias, escritas de si e produções de conhecimentos corporificadas. **Sexualidad, Salud y Sociedad** (Rio de

Janeiro), n. 37, p. e21300, 2021. Disponível em:
<https://doi.org/10.1590/1984-6487.sess.2021.37.e21300.a>. Acesso em: 5 jun. 2025.

GOMES, C. C. A. **A condição de ser plantonista: desafios e possibilidades**. Orientadora: Jurema Barros Dantas. 2020. 32 f. TCC (Graduação em Psicologia) - Curso de Graduação em Psicologia, Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2020. Disponível em: <http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/59202>. Acesso em: 5 jun. 2025.

GUATTARI, F.; ROLNIK, S. **Micropolíticas: cartografias do desejo**. Petrópolis: Vozes, 2005.

HAN, B. **Sociedade do cansaço**. Tradução de Enio Paulo Giachini. Petrópolis: Vozes, 2015.

HEIDEGGER, M. **Ser e tempo**. Tradução de Márcia Sá Cavalcante Schuback. 10. ed. Petrópolis: Vozes, 2015.

HENRIQUES, J. C. **Significação ontológica da experiência estética: a contribuição de Mikel Dufrenne**. 2008. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Instituto de Filosofia, Artes e Cultura, Universidade Federal de Ouro Preto, Ouro Preto, 2008. Disponível em: <https://www.repositorio.ufop.br/items/b96be564-5eef-42e2-9ffe-f5d77d1f304a/full>. Acesso em: 9 mai. 2025.

KASTRUP, V.; PASSOS, E. Cartografar é traçar um plano comum. **Fractal: Revista de Psicologia**, [S. l.], v. 25, n. 2, p. 263–280, maio 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1984-02922013000200004>. Acesso em: 9 jun. 2025.

MENEGHETTI, F. K. O que é um ensaio-teórico? **Revista de Administração Contemporânea**, [S. l.], v. 15, n. 2, p. 320-332, mar. 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1415-65552011000200010>. Acesso em: 12 dez. 2024.

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. Tradução de Carlos Alberto Ribeiro de Moura. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2018.

MERLEAU-PONTY, M. **O visível e o invisível**. Tradução de José Artur Gianotti e Armando Mora D'Oliveira. Coleção Debates, v. 40. São Paulo: Perspectiva, 2021.

MILHORIM, T. K.; TELLES, T. C. B. A percepção estética na fenomenologia de Dufrenne: contribuições possíveis para a psicologia. **Psicologia em Estudo**, [S. l.], v. 23, p. e2313, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pe/a/Dnfy9VFmGs4YfTdnP3Px6dt/?lang=pt>. Acesso em: 12 dez. 2024.

MINAYO, M. C. DE S.. Análise qualitativa: teoria, passos e fidedignidade. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 17, n. 3, p. 621–626, mar. 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-81232012000300007>. Acesso em: 5 jun. 2025.

MUSSI, R. F. F.; FLORES, F. F.; ALMEIDA, C. B. Pressupostos para a elaboração de relato de experiência como conhecimento científico. **Práxis Educacional**, Vitória da Conquista, v. 17, n. 48, p. 60-77, out. 2021. Disponível em: http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2178-26792021000500060. Acesso em: 9 jun. 2025.

NÓBREGA, T. P. Corpo, percepção e conhecimento em Merleau-Ponty. **Estudos de Psicologia**, Natal, v. 13, n. 2, p. 141-148, maio/ago. 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/epsic/a/4WhJkzJ77wqK6XCvHFwsqSD/>. Acesso em: 12 dez. 2024.

PEREIRA, M. V. O limiar da experiência estética: contribuições para pensar um percurso de subjetivação. **Pro-Posições**, [S. l.] v. 23, n. 1, p. 183–198, jan. 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-73072012000100012>. Acesso em: 10 jun. 2025.

REBOUÇAS, M. S. S.; DUTRA, E. Plantão psicológico: uma prática clínica da contemporaneidade. **Revista de Abordagem Gestalt**, Goiânia, v. 16, n. 1, p. 19-28, jun. 2010. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672010000100004&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 9 jun. 2025.

SCORSOLINI-COMIN, F. Plantão psicológico e o cuidado na urgência: panorama de pesquisas e intervenções. **Psico-USF**, [S. l.], v. 20, n. 1, p. 163-173, jan. 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1413-82712015200115>. Acesso em: 9 mai. 2025.

SOUZA, J. da S.; PAULO, R. M. A Hermenêutica na Pesquisa Fenomenológica: expando uma possibilidade de análise dos dados. **Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação Matemática**, São Paulo, v. 22, n. 3, p. 285–314, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.23925/1983-3156.2020v22i3p285-314>, Acesso em: 17 jun. 2025.